

ENTREVISTA COM STELLA MARIS BORTONI-RICARDO PARA A REVISTA LINGUÍSTICA
INTERVIEW WITH STELLA MARIS BORTONI-RICARDO FOR REVISTA LINGUÍSTICA

Maria Cecilia Mollica¹

Stella Maris Bortoni-Ricardo aposentou-se como titular de Linguística da Universidade de Brasília (UnB), e ainda atua na Faculdade de Educação e no Doutorado em Linguística na mesma universidade. Um grande nome na área de Sociolinguística, na interface da Educação com a Linguística, vem se dedicando a letramento e formação de professores, educação em língua materna, alfabetização e etnografia de sala de aula. É autora de várias obras importantes, entre elas *Educação em Língua Materna. A Sociolinguística na Sala de Aula* (Parábola). Para este volume, Bortoni-Ricardo foi entrevistada pela Professora Maria Cecilia Mollica (UFRJ).

REVISTA LINGUÍSTICA: Stella, nós agradecemos muito por aceitar nosso convite para conceder essa entrevista à Revista Linguística, do Programa de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e compartilhar um pouco do seu conhecimento na área da Sociolinguística. Sendo o número da revista voltado para Linguística e Educação, vamos naturalmente considerar o predomínio de sua experiência nesse campo. Segundo você, qual a principal contribuição dos estudos sobre a relação língua e sociedade para o desenvolvimento da Linguística?

R: Considero que a principal contribuição, no caso, seja o conceito de fala (*parole*) com sua natureza heterogênea e a consideração dos fenômenos dessa heterogeneidade no âmbito da competência. Em outras palavras, podemos sintetizar dizendo que a principal contribuição foi a própria postulação da competência comunicativa, por Dell Hymes, em 1966, e outros, levando em conta a inadequação que percebiam na dicotomia chomskyana (1965): competência e performance. Não se perca de vista também que a Sociolinguística surgiu do debate, conduzido nos Estados Unidos, na década de 1960, sobre a proficiência leitora de falantes do inglês vernacular (*Black English*). Fundamental nessa discussão era a crença na equivalência funcional entre as línguas sendo expandida para a equivalência entre as variedades de uma língua, isto é, as variedades (ou dialetos) não devem ser hierarquizados como superiores ou inferiores. Em uma comunidade de fala pode haver diferença nos usos de línguas (se for multilíngue) ou de variedades, no entanto entende-se que o maior ou menor prestígio de cada um deles decorre da importância e poder do seu grupo de falantes, que transfere para os seus modos de falar o seu prestígio. Os processos de padronização linguística também foram decisivos nessa valoração. A variedade padronizada, e conseqüentemente usada na literatura, ganhou prestígio e apreço no âmbito da comunidade linguística onde se instituiu.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ceciliamollica@terra.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Até o momento, quais foram os avanços da Sociolinguística para o desenvolvimento da pedagogia da variação linguística? Que contribuições efetivas podemos já sentir na Universidade ou mesmo no nível Fundamental?

R: Ouvi certa vez do próprio William Labov que sua metodologia para a análise da variação linguística estava mais avançada no Brasil do que em qualquer outro país, inclusive o seu país de origem. De fato, algumas universidades brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro e no Sul do Brasil, investiram muito esforço na divulgação dessa metodologia, contribuindo assim para seu aperfeiçoamento e expansão.

Contemporaneamente quase todos os currículos dos cursos de Letras têm uma ou mais disciplinas voltadas para questões variacionistas. Muitos sociolinguistas também têm-se dedicado à revisão dos pressupostos da alfabetização e ensino de leitura e escrita em seus estados à luz dos avanços da Sociolinguística Variacionista e da Etnografia de Sala de Aula.

Para mais informações remeto ao meu livro BORTONI-RICARDO, *Manual de Sociolinguística*. SP: Editora Contexto, 2014 e da mesma autora e editora o livro *Português brasileiro: a língua que falamos*. Remeto também aos trabalhos da Professora Maria Cecília Mollica (2007) e seus colegas e alunos da UFRJ, bem como ao GT de Sociolinguística da ANPOLL.

REVISTA LINGÜÍSTICA: Muito se fala de uma Linguística Educacional. Na sua opinião, em que nível de formação o professor deveria ser qualificado nessa área? Podemos pensar na formação do profissional de língua portuguesa apenas nos cursos de Letras? O que, afinal, podemos entender por Linguística Educacional?

R: Como já vimos nesta entrevista, os currículos de licenciaturas, inclusive em Educação, devem necessariamente incluir uma introdução à variação linguística. Não temos mais no Brasil formação de professores em nível médio, portanto, estamos falando de licenciaturas (nível superior) sem prejuízo de que os conceitos mais acessíveis já sejam (bem) manipulados nos manuais de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Quanto à segunda indagação, o lócus para a formação do profissional de Língua Portuguesa são os cursos de Letras. Mas todas as licenciaturas, em particular a de Educação (Pedagogia), devem-se responsabilizar de fato pela ampliação da competência comunicativa dos seus alunos, nas modalidades oral e escrita.

“Linguística Educacional” é até certo ponto uma terminologia redundante porque, como vimos anteriormente, a própria Sociolinguística tem origens pedagógicas. No entanto o termo “educacional” pode ser útil para incentivar professores da área de Educação e várias licenciaturas a se apropriarem dos conceitos da Sociolinguística Variacionista, que lhes hão de dar um forte apoio em seu ofício

desde a alfabetização. Há que se levar em conta, com empenho, que esses profissionais têm pouca ou nenhuma formação linguística (especialmente em Fonética e Fonologia) e, portanto, os textos introdutórios de variação devem ser mais acessíveis e remeter a autores que transitam entre as áreas de Educação e Linguagem. Um bom exemplo é a Professora Magda Soares (2018) da UFMG.

REVISTA LINGUÍSTICA: As provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) vêm incluindo muitas questões sobre a dinamicidade das línguas, o que nos leva a concluir que esse tema e os pontos a ele relacionados vêm sendo contemplados na Escola. Em que medida tais noções contribuem para a formação do aluno concluinte do Ensino Médio que pleiteia uma vaga no ensino superior?

R: O exame do ENEM reflete conceitos e ideologias presentes no ensino básico brasileiro. Daí a inclusão de temática relativa à dinamicidade das línguas. Felizmente as provas têm sido elaboradas por professores competentes, porque erros na apresentação dessa temática podem trazer prejuízos. Por outro lado, os professores de cursos que preparam os alunos para o ENEM precisam também ter acesso a uma correta ideologia da variação, calcada em dados científicos. Por isso livros introdutórios destinados a leitores sem formação linguística sistemática são bem-vindos.

REVISTA LINGUÍSTICA: Que rumos a área de Linguística e Educação deveria tomar no futuro, pensando tanto no desenvolvimento científico, quanto nos avanços da Tecnologia e Inovação?

R: O desenvolvimento das TIC's é relevante para todas as áreas do conhecimento, especialmente em um país continental e tão heterogêneo quanto o Brasil. Nessa área específica, de Linguística e Educação, avanços na Tecnologia da Informação e Comunicação são essenciais e devem ser incentivados pelo Governo Federal e locais, bem como pelas universidades, com destaque para as públicas.

REVISTA LINGUÍSTICA: As contribuições da Linguística para a alfabetização e o letramento têm sido mensuradas per pesquisas recentes. Por outro lado, a linguística nem sempre está presente nos cursos de Pedagogia. Qual seria a importância de Linguística na formação de pedagogos?

Acredito que seja tarefa da Linguística e dos especialistas dessa área trabalhar, em suas universidades e cursos, para que os cursos de Pedagogia incluam conceitos básicos de Fonética e Fonologia. Podem-se tomar como modelos os currículos de graduação que já contemplam esses conhecimentos há vários anos.

REVISTA LINGUÍSTICA: Na sua concepção, a BNCC traz avanços para o ensino de língua/ linguagem, mas particularmente no que se refere à variação linguística? Quais impactos, negativos e/ou positivos, podem ser alcançados a partir de reformas curriculares decorrentes de ajustamentos à Base?

R: A BNCC representa um avanço, mas pode ainda ser aperfeiçoada no que respeita à nossa área de conhecimento. Facilitar isso é uma tarefa de competência especialmente da ABRALIN, da ANPOLL e das instituições estaduais de pesquisa bem como dos pesquisadores.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Português brasileiro: a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

Chomsky, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: M.I.T. Press, 1965. ISBN 9780262530071.

Hymes, Dell. Two types of linguistic relativity. In Bright, W. (ed.). *Sociolinguistics*. The Hague: Mouton, 1966. pp. 114-58.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.